

Paisagens Enlouquecidas e o Trabalho do Alienista: o olhar e a literogeografia

Crazy Landscapes and the Work of the Alienist: the gaze and literogeography

John Carlos Alves Ribeiro¹

 <https://orcid.org/0000-0002-9299-6831>

Resumo

Este texto é fruto de um estudo lítero-geográfico do conto “O Alienista”, de Machado de Assis. Por uma leitura geográfica da obra, buscou-se pela leitura da paisagem caracterizar a relação trabalho e adoecimento mental na atuação do Alienista. Itaguaí e suas paisagens são representadas em torno do Dr. Bacamarte e da criação da Casa Verde, instituição para tratamento de pessoas adoecidas mentalmente. Este estudo objetivou analisar as representações paisagísticas de Itaguaí como um olhar para a espacialidade, sua dinâmica e relação com o adoecimento e o trabalho do Alienista. Portanto, a análise a partir da paisagem se deu por meio da descrição dos elementos geográficos da vila (Gonçalves, 2021), na construção dos lugares narrativos (Silva, 2024) de Itaguaí. Foram estudadas as relações entre as personagens, destas com a espacialidade (dinâmica ou configuração espacial), destacando o olhar para os adoecimentos mentais, em especial, do Alienista. Com isso buscou-se alcançar o olhar do protagonista quanto as paisagens (formas, conteúdos e ações), para a caracterização das “insanidades”. As investigações do Dr. Bacamarte o fizeram elaborar teorias sobre a sanidade mental, sob as quais tentava encaixar a todos, terminando por enquadrar-se a si mesmo. Tal quadro nos ajudou a refletir sobre o uso da descrição das paisagens na construção da espacialidade da narrativa na interpretação lítero-geográfica. Dessa forma, buscou-se ler geografias possíveis na obra, por meio de uma aproximação entre geografia e literatura para a leitura do mundo.

Palavras-Chave: Literogeografia; Paisagem; Trabalho; Adoecimento Mental.

Abstract

This text is the result of a literary-geographical study of the short story “The Alienist”, by Machado de Assis. Through a geographical reading of the work, we sought to characterize the relationship between work and mental illness in the Alienist’s performance by reading the landscape. Itaguaí and its landscapes are represented around Dr. Bacamarte and the creation of Casa Verde, an institution for the treatment of mentally ill people. This study aimed to analyze the landscape representations of Itaguaí as a look at spatiality, its dynamics and relationship with the Alienist’s illness and work. Therefore, the analysis based on the landscape was carried out through the description of the geographic elements of the village (Gonçalves, 2021), in the construction of

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Jataí, Professor do Instituto Federal de Goiás, john.ribeiro@ifg.edu.br

the narrative places (Silva, 2024) of Itaguaí. The relationships between the characters and their spatiality (dynamics or spatial configuration) were studied, highlighting the look at mental illness, especially that of the Alienist. This sought to capture the protagonist's perspective on the landscapes (forms, contents and actions) in order to characterize the "insanities". Dr. Bacamarte's investigations led him to develop theories about mental health, under which he tried to fit everyone, ending up fitting himself. This framework helped us to reflect on the use of the description of landscapes in the construction of the spatiality of the narrative in the literary-geographical interpretation. In this way, we sought to read possible geographies in the work, through an approximation between geography and literature for the reading of the world..

Keywords: Literogeography; Landscape; Work; Mental Illness.

Introdução

Falar da relação trabalho e a representação de pessoas adoecidas a partir da Geografia é, por si só, um desafio. Falar desse tema já complexo por uma abordagem geográfica de um texto literário, ainda mais um texto tão lido e consagrado, foi, com toda a certeza, algo ainda mais árduo. Todavia, com o suporte de Gonçalves (2021, p. 4-5) quanto a interpretação lítero-geográfica, bem como de Chaveiro (2020), Silva (2021; 2023; 2024), Lima e Chaveiro (2016) e Marques et. al. (2024), que dão ainda mais respaldo quanto a essa abordagem, foi possível seguir essa jornada.

Dessa maneira, buscou-se observar como eram narradas e compostas as paisagens e as relações entre as personagens que lhes davam vida, ou seja, realizou-se uma aproximação aqui quanto ao conceito de paisagem de Santos (2012, p. 107), para quem a "paisagem é história congelada, mas participa da história viva. São as suas formas que realizam, no espaço, as funções sociais [...] A paisagem é testemunha da sucessão dos meios de trabalho". Além disso, almejou-se destacar da obra as principais representações do adoecimento mental em razão da atuação do alienista, enquanto trabalhador e enquanto personagem central das transformações da paisagem itaguaiense.

Por último, objetivou-se com esse trabalho realizar uma abordagem lítero-geográfica do conto "O Alienista", de Machado de Assis (será tratado aqui como conto, apesar da polêmica quanto ao gênero exato da obra), analisando a dimensão da espacialidade presente em sua narrativa. Essa busca, portanto, se deu a partir dos seguintes questionamentos: o que a narrativa machadiana de "O Alienista" revela da relação adoecimento mental e trabalho? O que da espacialidade criada, ou das paisagens descritas na obra, ou ainda o que nas imagens inventadas pelo autor iluminam realidades humanas? (Lima; Chaveiro, 2016, p. 53) Ou o que dessas imagens, paisagens ou espacialidades inventadas e narradas revelam sobre as existências humanas possíveis na obra e na realidade? (Idem, p. 52)

Essas questões guiaram a leitura de pelo menos três versões da obra, assim como permitiram uma interpretação dos comentários sobre o texto e sobre seu conteúdo. Essa foi, portanto, a chave de leitura de "O Alienista" que, por este estudo, se propôs a realização de uma interpretação literária pela

geografia. Sendo assim, esse estudo não se propôs a realização de uma crítica literária propriamente dita, mas uma análise de aspectos da espacialidade da obra que possam estabelecer ligações com a análise que se pode fazer dela, a realidade, pela geografia.

Não se vislumbrou, portanto, o que propõe Lukács (1965, p. 63), ou seja, construir uma análise da eficácia ou do sucesso da obra, o que o tempo já o fez por conta própria, nem tampouco analisar a “riqueza e variedade de cores, variabilidade e multiplicidade de aspectos da experiência humana” para tratá-la como melhor ou pior, neste ou naquele aspecto. Buscou-se apenas iluminar as dimensões da espacialidade que permitiram abordar a representação da relação trabalho e adoecimento mental, a partir do olhar do Alienista.

Sobre o trabalho do Alienista

O conto de Machado de Assis nos apresenta Simão Bacamarte, um médico renomado da coroa portuguesa que, apesar de seus predicados, acolhe-se a vida pacata de Itaguaí, para ali viver de ciência, sua paixão. Sua chegada e seu trabalho mudam por completo a vida de Itaguaí, transformam sua paisagem, modificam sobremaneira a espacialidade da Vila.

O Alienista estabelece na vila um projeto, no mínimo, audacioso, a criação de uma casa de Orates, nome dado a estabelecimento para tratamento de saúde mental (os manicômios ou clínicas da época). Sendo assim, Simão Bacamarte insere em Itaguaí um novo elemento na paisagem – A Casa Verde. Esse novo elemento traz consigo uma nova profissão, com novas formas de realização/materialização da categoria trabalho, o que mexe deveras com a configuração territorial (paisagem e sua dinâmica, de acordo com Santos, 2012, p. 103) de Itaguaí.

Eis um primeiro elemento para análise. A Casa Verde, ao ser criada, muda a configuração territorial de Itaguaí e, também, sua dinâmica socioespacial. Ou seja, ao ser criada a casa de orates, uma instituição de tratamento de pessoas com problemas de saúde mental, impactou sobremaneira a vida da vila, com marcas perceptíveis na dimensão da espacialidade.

No capítulo II – “*Torrentes de loucos*”, por exemplo, fica claro o impacto do empreendimento de Simão Bacamarte na vila. Nele, podemos notar como e o quanto o trabalho realizado pelo Alienista começa a gerar mudanças na vida dos moradores da Vila de Itaguaí. A Casa Verde vira o epicentro de uma nova dinâmica socioespacial. Mais moradores para a cidade e uma dinâmica atravessada pela atividade de trabalho do cientista e médico alienista.

Ele, homem de ciência, preocupado em curar os males da alma, como confessa ser o mistério de seu coração a Crispim Soares, seu amigo e boticário da Vila, ou seja, sua vocação e maior desejo, impõe à vila novos ritmos, novas configurações espaciais, novas paisagens. Impõe também um conjunto de novas interações sociais e políticas, conflitos intensos que transformam a vida dos moradores da vila e que reverberam tanto na espacialidade quanto na conformação das paisagens.

Passa a haver, então, na Vila de Itaguaí, um novo conjunto de relações que se desdobram a partir da atuação do Alienista. Sua presença e de sua Casa Verde, portanto, mudam Itaguaí, que assume outra forma, novos conteúdos, a partir de novas funções. O olhar sobre a paisagem aqui é feito considerando o conceito em aproximação ora com a proposição de Milton Santos, pela qual “a paisagem é história congelada, mas participa da história viva. São suas formas que realizam, no espaço, as funções sociais” (Santos, 2012, p. 107); ora com a proposição de potencialidade do conceito de paisagem por Marcelo Lopes de Souza, através da qual “a paisagem é reveladora, muito embora revele ao encobrir (e, inversamente, e de modo ardiloso, encubra ‘ao revelar’...)” (Souza, 2015, p. 51).

Por essas duas visões/conceituações de paisagem e buscando aproximá-las, buscou-se entender as representações tanto do trabalho quanto dos adoecimentos mentais na Vila de Itaguaí. Com foco nos principais cenários enquanto lugares/paisagens centrais da história, para verificar como são representados os acometidos pelos males da alma pelo alienista e que relações se desdobram do contato entre estes – os classificados como loucos ou insanos – e as demais personagens da história. A final, quem em Itaguaí não foi taxado de louco em algum momento da história? Certamente não foram muitas pessoas.

Impactos à espacialidade causados pela atuação do Alienista – um olhar sobre a paisagem

Este estudo seguiu buscando narrar os impactos na espacialidade pelo trabalho do alienista, por meio de um olhar ancorado na literogeografia. Bosi (2003, p. 10) ao tratar do foco narrativo em Machado de Assis, destaca que, em sua obra (escrita machadiana em geral, não só no texto aqui estudado) “O olhar é ora abrangente, ora incisivo.” Ora cognitivo, ora emotivo. Ou seja, na obra de Machado de Assis “O olho que perscruta e que quer saber objetivamente das coisas por ser também o olho que ri ou chora, ama ou detesta, admira ou despreza.” Dessa forma, Alfredo Bosi destaca que, em Machado, olhar é algo diferente de ponto de vista, pois diz do que vê não só pela inteligência, mas também pela emoção.

Eis que, para a análise deste conto identificando na paisagem as dimensões da espacialidade atravessadas pelo trabalho do alienista e sua atuação junto aos casos de adoecimento mental na Vila de Itaguaí, buscou-se aqui a inspiração do olhar machadiano descrito por Alfredo Bosi. Um olhar para as imagens e paisagens narradas como quem busca razão analítica e pela percepção da emoção que o texto proporciona, que estabeleça uma interpretação própria, entre muitas outras possíveis.

Foi possível, portanto, perceber ao longo da leitura que, ao arrebanhar torrentes de loucos da Vila e das vizinhanças, Dr. Simão Bacamarte causou verdadeira revolução na vida dos Itaguienses. Para entender tal impacto recorreu-se ao que sugere Silva (2024, p. 9), em uma interpretação do filme “*Tapete Vermelho*”, ao aproximar geografia e arte cinematográfica, o que será feito aqui com a literatura. Rodrigo Silva coloca que “O olhar consciente do espectador age para dar sentido ao movimento das imagens.” Neste estudo foi utilizado o olhar consciente do leitor, usando a perspectiva do olhar citada anteriormente, para dar sentido e movimento às paisagens narradas por Machado de Assis. Dessa forma,

foi possível perceber na construção da narrativa o peso da atuação do Alienista e as transformações que causou na Vila.

Dando sequência a análise recorreu-se ao Prof. Eguimar F. Chaveiro, para quem “a literatura, em sua multiplicidade, possui uma dimensão política; e a geografia, um dizer-de-sentido, possui uma dimensão literária.” (Chaveiro, 2020, p. 179). A partir de seu olhar sobre as possibilidades de relações entre geografia e literatura, buscou-se constituir um olhar específico sobre o conto “O Alienista”. Se para o autor “qualquer transformação social que reposiciona as forças políticas, como é o caso do Brasil atual, age sobre a linguagem – e toda transformação das formas de narrar, enuncia outros dispositivos políticos.” (idem), partiu-se aqui do pressuposto de que o contexto em que a obra se insere é atravessado pelas questões sociais e políticas da época em que foi escrita. Tal perspectiva contribuiu para essa interpretação lítero-geográfica com a busca por uma percepção do contexto apresentado pela obra e as relações sociais e políticas narradas.

No texto vê-se um Brasil Colônia no qual um médico de renome consegue se colocar diante de uma câmara de vereadores e convencê-los tanto da necessidade de um asilo/manicômio em uma Vila, com a robustez apresentada pelo texto, quanto a necessidade de cobrança de um imposto específico para dar cabo à tal empreendimento. Nota-se ainda, que apesar dos interesses diversos dos vereadores, estes acabam sendo convencidos pelos argumentos de um homem de ciência. Na atualidade isso não seria coisa fácil de se fazer.

O autor permite ainda a análise comparativa das relações políticas apresentadas na obra, especialmente as disputas de poder expressas na revolução dos canjicas, do barbeiro, e da sua reviravolta final. Machado de Assis coloca os leitores diante dos embates políticos resultantes da implantação da Casa Verde e do trabalho do alienista. Mudanças que impactaram a dinâmica socioespacial e da paisagem ou configuração espacial, ou seja, a soma de formas e conteúdos que se transformam constantemente pelas ações e relações sociais (Santos, 2023. p. 12).

Pôde-se verificar que o que acontece no conto é algo muito próximo ao que ocorre na atualidade. Sempre que, por alguma eventualidade, se dá a implantação ou retirada de qualquer grande empreendimento em pequenas cidades, as mudanças nas paisagens e na dinâmica socioespacial são sempre significativas. Cidades são criadas, impulsionadas, ou morrem, se desfazem em razão de tais mudanças.

Para os revoltosos da narrativa de Machado de Assis, em dado momento da história o papel dos vereadores era conter os arroubos autoritários do Dr. Simão Bacamarte que, em razão de sua equivocada teoria, encarcerava uma infinidade de pessoas, causando a agitação que ascendeu o Barbeiro à presidente da Câmara de Vereadores da Vila (cargo equivalente ao de prefeito na atualidade). Cabe destacar aqui a aproximação entre ficção e realidade. Em momentos de crise e agitação política, sempre haverá espaço para um oportunista ascender ao poder. Isso pode ser comprovado tanto na ficção quanto na história.

Em 2018 tivemos a eleição de Jair Bolsonaro como consequências da crise política e institucional que se instalara no país desde 2013/14.

Outro dado a ser analisado é a atuação do alienista, como médico de loucos e cientista investigando as razões pelas quais uma pessoa perde sua sanidade mental. Para tal tarefa, além de acompanhar diariamente os internos da Casa Verde, não sem muitos registros para análise e comprovação de suas teorias, saía sempre às ruas da Vila, buscando ampliar seu olhar quanto à sanidade mental dos itaguaienses.

Dr. Bacamarte ao percorrer a Vila testando sua teoria e catalogando os loucos, ou seja, estabelecendo suas próprias representações das pessoas adoecidas, ao lançar seu olhar sobre a paisagem da Vila, e os recolhendo à Casa Verde, coloca o leitor na condição de observador. Eis que o leitor lida a partir daí com a busca pela personagem da captura na paisagem de Itaguaí de pessoas com qualquer indício de insanidade mental. Indício esse que se encaixe na teoria elaborada pelo cientista até aquele momento. O alienista analisa comportamentos, gestos, falas, interações sociais, resgata histórias de vida e a partir de uma combinação desses fatores, toma a decisão de recolher ou não o indivíduo.

Sua atuação aqui coloca o leitor diante de uma potencialidade de uso do conceito de paisagem que Souza (2015, p. 57), quando destaca que um estudo geográfico a partir desse conceito nos permite “examinar como a paisagem condiciona a nossa (in)sensibilidade e o modo como somos socializados”. Por meio da observação e leitura das dinâmicas socioespaciais que movimentam a configuração territorial ou de como as formas, conteúdos e ações se expressam na paisagem de Itaguaí (Santos, 2023, p. 12-13), Simão Bacamarte consegue identificar os loucos, mas isso devido sua condição de analista em tempo integral. O olhar viciado do alienista e sua convicção teórica o fazem ver na paisagem itaguaiense loucos por toda parte.

Mais uma vez há similaridades em nossos tempos. Atualmente há pessoas por aí que enxergam comunistas em cada esquina. E isso em um país que as ameaças comunistas foram sempre muito mais fictícias que reais. O nível tratado das ameaças (das muitas teorias conspiratórias) é de uma inventividade que, talvez, fosse melhor aproveitado como enredo de alguma obra de literatura. Se seriam eles também taxados de loucos pelo Alienista, não saberia lhes dizer, mas é possível que fossem enquadrados em algum tipo de monomania.

O “Olhar” do Alienista e as paisagens enlouquecidas

Mas quem é realmente louco no conto? Qual teoria estava certa? O que de fato é a sanidade mental para o Alienista? Que relação se pode fazer entre o adoecimento mental e o trabalho, em especial, o do alienista? Se teríamos tantas respostas, a tantas e tais perguntas, não teria como saber. Talvez esse seja o grande charme dessa comédia machadiana. Todavia, a análise da obra seguiu.

Ao que parece, o alienista, através da narrativa de Machado de Assis, tenta se utilizar ou se utiliza de mais uma das potencialidades do conceito de paisagem apresentadas por Souza (2015, p. 61-

62), para quem a percepção da paisagem é mediada pela relação interior – consciência de um estado de alma – com o exterior, o qual alcançamos por meio dos sentidos. Por essa visão do geógrafo, exposta ao citar Fernando Pessoa, “todo o estado de alma é uma paisagem. Isto é, todo o estado de alma é não só responsável por uma paisagem, mas verdadeiramente uma paisagem.”

Essa abordagem nos remete a Bosi (2003, p. 10), já citado, quanto ao olhar em Machado de Assis. A impressão que se tem é que o olhar machadiano é emprestado aos leitores, que, de forma abrangente e ao mesmo tempo incisiva, racional e ao mesmo tempo emotiva, pelas mãos do alienista, se colocam na tarefa de escarafunchar a paisagem de Itaguaí a procura de loucos.

Eis que, por esse olhar, acompanhamos o Dr. Simão Bacamarte, que, independentemente da base teórica utilizada e de como ele a aplica, começa a enxergar nas paisagens de Itaguaí a confirmação da insanidade que busca. E em razão disso, devido sua elaboração teórica derradeira, chega a fechar-se a si próprio na Casa Verde, pois chega à conclusão de ele mesmo se enquadrar na categoria de insanidade mental que havia formulado. Teria o Alienista esboçado o primeiro caso concreto de burnout? O olhar enlouquecido do cientista seria resultado de um adoecimento mental por excesso de trabalho? Ou teria o Alienista apenas se equivocado em seus estudos, chegando as últimas consequências a partir dos erros cometidos? Talvez essas questões possam ser aprofundadas em estudos futuros.

Considerações finais

Sem querer dar uma versão fechada a narrativa, mas tentando encerrá-la sob um olhar específico, a partir da relação trabalho e adoecimento mental, por uma abordagem lítero-geográfica, cabe aqui a composição de um ponto de vista. Por esta análise entende-se que o Dr. Simão Bacamarte, enquanto médico (alienista) e cientista, cria uma representação social da loucura pela qual, ao final, ele mesmo se vê como louco. Suas elaborações teóricas e sua racionalidade, que ao longo da obra o fizeram ver padrões de loucura por toda parte, o colocaram diante de si, enquanto ele próprio sendo louco. Talvez sua obsessão pela ciência e a intensidade do trabalho descrita na obra tenham sido a causa de sua própria desgraça.

Considerando a obra como o que ela é, uma comédia sobre as mudanças impostas pela chegada da modernidade ao Brasil colônia e seus impactos na vida em sociedade (ao menos para esta análise), realizou-se aqui uma abordagem da narrativa literária a partir dos aspectos da espacialidade que a constituem (de base em Gonçalves, 2021). Partiu-se da construção das imagens narrativas (paisagens e configurações espaciais) pelo autor para enxergar na obra elementos que nos ajudem a ler a realidade (com os suportes Lima; Chaveiro, 2016; e Silva, 2024). Inspirado no olhar machadiano expresso em Bosi (2003) e nas possibilidades literogeografia, espera-se aqui deixar alguma contribuição para novas iluminuras quanto a análise da realidade pela geografia. Que a arte e a ciência, juntas, potencializem as possibilidades de compreensão das múltiplas dimensões e escalas que atravessam as existências humanas.

Isto posto, para concluir esta análise, parte-se da compreensão, portanto, de que o trabalho intenso de busca por respostas sobre as causas da loucura, acabou por enlouquecer o alienista. E eis que ele encarcera a si próprio em sua casa de orates. Por este último ato, a grande mudança que resta na paisagem de Itaguaí é apenas o grande prédio imponente na Rua Nova. Sendo assim, com o trabalho do alienista cessado, a configuração territorial de Itaguaí volta ao normal, restando apenas uma marca na paisagem – história congelada: uma enorme casa de 50 janelas pintadas em cor verde.

Referências

BOSI, Alfredo. **Machado de Assis: O enigma do olhar**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. A dimensão literária da Geografia e a dimensão política da literatura: a mesma fase de uma reflexão múltipla. **REVISTA DA ANPEGE**, v. 16, p. 177-190, 2020.

GONÇALVES, Ricardo Junior de Assis Fernandes. O tronco, de Bernardo Élis. **Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais**, v. 10, p. 1-10, 2021.

LIMA, Angelita; CHAVEIRO, Eguimar Felício. Livros nas prateleiras, Verbos no Chão: aproximações entre Geografia, Literatura e Existência. In.: **Espaço, Sujeito e Existência**. CHAVEIRO, E. F.; CASTORINO, A. B.; BORGES, R. M. R. (Orgs.). Goiânia: Ed. da PUC de Goiás, 2016. p.p. 51-67.

LUKÁCS, Georg. Narrar ou Descrever. In.: LUKÁCS, Georg. **Ensaios sobre literatura**. Rio de Janeiro: Editora Brasiliense, 1965. p. 43-94

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **O Alienista**. [livro digital] Porto Alegre: L&M, 2011.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **O Alienista**. [Introdução de John Gledson e Notas de Hélio Guimarães]. São Paulo: Companhia das Letras - Penguin Group (USA) Inc., 2014.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **O Alienista**. [livro eletrônico] São Paulo: Gold 360 Serviços e Produtos Digitais, 2021.

MARQUES, Ana Carolina Oliveira; SILVA, Rodrigo Emídio; SPECIAN, Valdir. Dizeres lítero-geográficos: agroecologia em crônicas. **Revista Tocantinense de Geografia Araguaína**, v. 13, n. 29, dez./2023-mar./2024.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2023.

SILVA, Rodrigo Emídio; ALMEIDA, Maria Geralda de. Ela canta, Pobre ceifeira: o território, a paisagem, o lugar e a crítica à modernidade. **Revista Geografia Literatura e Arte**, v. V. 03, p. 41-62, 2021.

SILVA, Rodrigo Emídio; ALMEIDA, Maria Geralda de. Mapas arados: o torto e o remendado entre a Geografia e a Literatura. In: XV ENCONTRO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA, 2023, PALMAS. **Anais do XV ENANPEGE**. Campina Grande: EDITORA REALIZE, 2023.

SILVA, Rodrigo Emídio; ALMEIDA, Maria Geralda de. Tapete vermelho: o olhar e a viagem na construção do lugar cinemático. **Revista Geografia Literatura e Arte**, v. 4, p. 6-30, 2024.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Lugar e (re[s])significação espacial. In.: **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015. p. 111-134.